

CATEGORIA FEMININA EM XEQUE: REFLEXÕES SOBRE A CATEGORIA FEMININA EM TORNEIOS DE XADREZ
WOMEN DIVISION IN CHECK: REFLECTIONS OF THE WOMEN DIVISION IN CHESS TOURNAMENTSCristiana Fiusa Carneiro¹ Marília Lira da Silveira Coelho² 

RESUMO - Nas últimas décadas temas relacionados ao gênero têm atraído a atenção de pesquisadores de áreas do conhecimento como educação, medicina, gestão, esportes entre outras. Entretanto, no universo enxadrístico, constata-se que há um considerável número de trabalhos que abordam questões cognitivas, mas poucos versam sobre a diferença entre os gêneros. Além disso, há um número muito maior de praticantes do sexo masculino do que feminino. Contudo, o xadrez é um esporte que demanda um alto desempenho intelectual e não envolve força física. Partindo dessas premissas, este estudo tem como objetivo verificar se hoje ainda é pertinente a divisão entre a categoria feminina e absoluta em torneios de xadrez, sob a perspectiva da Neurociência. Para isso foi realizada uma revisão bibliográfica em que as buscas dos artigos científicos foram feitas por meio das bases de dados Pubmed, ScienceDirect e Scielo e as palavras-chaves utilizadas foram xadrez, gênero, neurociência, psicologia e mulher, em três idiomas, português, inglês e espanhol. O período de abrangência partiu das primeiras pesquisas com xadrez em 1894 até os artigos mais recentes de 2018. Através dessa revisão, ficou elucidada a existência de um número maior de praticantes do sexo masculino, bem como a existência de diferenças nas bases neurobiológicas entre os sexos. Entretanto, trata-se de diferenças morfológicas e estruturais e não devem ser estendidas para o funcionamento cerebral, pois não trazem relevância nem diferença no desempenho cognitivo. Diante disso, os fatores biológicos não fundamentam a diferença existente entre os sexos no xadrez e a atenção deve recair para os fatores culturais, históricos e sociais, principalmente para os processos de desnaturalização das desigualdades entre os gêneros. Por fim, evidencia-se a necessidade de novas pesquisas para aprofundar a discussão sobre gênero e xadrez.

Palavras-chave: Xadrez. Diferença de gênero. Habilidade Cognitiva. Inteligência.

ABSTRACT - In recent decades, gender issues have attracted the attention of researchers in areas of knowledge such as education, medicine, management, sports, among others. However, in the chess universe, there is a considerable number of studies that address cognitive issues, but few speak about the difference between genders. In addition, there are far more male than female players. However, chess is a sport that demands high intellectual performance and does not involve physical strength. Based on these premises, this study aims to verify if it is still pertinent today the division between the female and absolute category in chess tournaments, from the perspective of Neuroscience. Therefore, a review of the literature was carried out in which the scientific articles were searched through Pubmed, ScienceDirect and Scielo databases and the keywords used were chess, gender, neuroscience, psychology and woman in three languages, Portuguese, English and Spanish. The coverage period began from the first surveys with chess in 1894 until the most recent articles of 2018. Through this review, it was clarified the existence of a greater number of male players, as well as the existence of differences in the neurobiological bases between the sexes. However, these are morphological and structural differences and should not be extended to brain functioning, since they do not bring relevance or difference in cognitive performance. Faced with this, biological factors do not support the difference between the sexes in chess, and attention must be paid to

¹ Especialista em Neurociência e Psicologia Aplicada, Universidade Presbiteriana Mackenzie, crisfiusa@gmail.com

² Doutora em Distúrbios do desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie, marilialira@gmail.com

cultural, historical and social factors, especially for denaturalization process between genders. Finally, it is evident the need for further research to deepen the discussion on gender and chess.

Keywords: Chess. Gender Difference. Cognitive Ability. Intelligence.

1 INTRODUÇÃO

O ato de jogar é inato e está presente em todas as culturas, sendo praticado por indivíduos de todas as idades e de ambos os sexos (FRON et al., 2007). Jogar tem algumas finalidades, dentre elas, o prazer em si que o jogo traz por ser uma atividade autotélica, como também pode ser um instrumento para promover aprendizagem e para moldar comportamentos. Segundo Cardoso-Leite e Bavelier (2014), o jogo é uma atividade social com um alto grau de engajamento e motivação dos indivíduos. Soma-se a isso o fato de o jogo acontecer em um espaço seguro que permite o jogador se arriscar e testar estratégias para resolver os desafios que aparecem ao longo das partidas. Dentre os jogos de tabuleiro e de estratégia, está o xadrez. O xadrez é um jogo estratégico que exige habilidade cognitiva e é o vencedor aquele que elaborar o melhor plano estratégico e conseguir antecipar e neutralizar as intenções de seu oponente.

Com o nascimento da Psicologia no século XIX, estudiosos da Psicologia Cognitiva e Comportamental notaram o potencial do xadrez como instrumento de estudo e começaram a realizar pesquisas com o jogo no final do século XIX (BILALIC; McLEOD; GOBET, 2006). Em 1894, Binet publicou um estudo que realizou com mestres de xadrez em que investigou processos mentais atuantes nas partidas. O autor tinha a hipótese de que a memória exercia um papel preponderante para se jogar “às cegas”, entretanto, o estudo evidenciou que além da memória existiam outros fatores que influenciavam no jogo como a expertise e a criatividade. Nos anos seguintes, o número de pesquisas em xadrez aumentou exponencialmente com intuito de compreender as habilidades cognitivas, principalmente a inteligência (CLEVELAND, 1907; DE GROOT, 1965; LORIES, 1984; SAARILLUOMA, 1992; GOBET, 1993; GOBET; JACKSON, 2002). Simon e Chase (1973) consideraram o xadrez

como a *drosophila* das pesquisas cognitivas, por criar um ambiente ideal para investigações sobre resolução de problemas e processamento.

As pesquisas evidenciaram a complexidade das habilidades cognitivas no jogo de xadrez e auxiliaram na desconstrução de algumas crenças antigas para o alto desempenho no xadrez. Gobet e Campitelli (2002), demonstrou que a habilidade no xadrez independe da inteligência inata e atribuiu a *expertise* no jogo a horas de treino, dedicação nos estudos de estratégias e anos de prática no jogo. Assim como, no estudo realizado por Bilalic, McLeod e Gobet (2006), concluíram que horas de estudo de estratégias e de prática são fatores preponderantes para se tornar um *expert* em xadrez. Para isso, é necessário internalizar um grande número de padrões de jogadas e interligar aos conceitos de estratégia e tática. Outras habilidades são necessárias para alta performance no xadrez como a memória, velocidade de processamento e habilidade viso-espacial. Então, as horas praticadas têm influência direta na aquisição das habilidades cognitivas usadas no jogo, como revelado por Howard (2014), que para alta performance de xadrez são necessárias em torno de 390 partidas jogadas valendo *rating*.

Diante do exposto acima, as pesquisas têm demonstrado que a performance do xadrez depende de habilidades cognitivas coordenadas para o aumento da velocidade de processamento mental, tomada de decisão estratégica e memorização de padrões de jogadas adquiridas com anos de dedicação em estudos de planejamento estratégico, treinos e práticas em torneios. Entretanto, atualmente ainda é pouco discutida sobre o fator gênero neste esporte. Pesquisas anteriores privilegiavam estudar a população do sexo masculino quando a temática era sobre habilidade no xadrez (Silva, 2004; Bilalic, McLeod e Gobet, 2006) e alguns fatores contribuíram para isso: maior número de participantes do sexo masculino em torneios, e a crença de que existia uma diferença tanto da estrutura anatômica do cérebro quanto do maior desempenho cognitivo quando comparado ao sexo feminino (HOWARD, 2013; BILALIC et al, 2009).

O cenário de competições enxadrísticas é composto basicamente por jogadores do sexo masculino, assim como a diferença de *rating* (sistema utilizado pela Federação Internacional de Xadrez (FIDE) para medir a força de jogo dos competidores) é considerável a favor dos jogadores em comparação às jogadoras. Diante do exposto, e considerando que o fator gênero tem sido discutido em várias áreas do conhecimento (BILALIC et al, 2009; CHABRIS, 2006; CHARNESS, 1996), é possível questionar a baixa representatividade do sexo feminino nas competições enxadrísticas e refletir sobre o modelo atual de divisão de categorias pelo sexo, ponderando que o xadrez é um esporte de exigência da habilidade cognitiva por treinamento.

Para isto foi feita uma revisão da literatura, considerando publicações do período de 1894 até 2018, nos idiomas, português, inglês e espanhol. Foram consultadas as bases de dados eletrônicos Pubmed, ScienceDirect e Scielo. Para a busca, utilizaram-se os descritores: xadrez, gênero, neurociência, psicologia e mulher nos três idiomas, utilizando os operadores booleanos “and” ou “or”. Encontrou-se mais de 215 artigos e a partir de uma leitura dos resumos selecionou-se 31. Além dos artigos foram utilizados 9 livros citados na referência bibliográfica.

Neste estudo abordará o fator gênero no universo enxadrístico a partir de três perspectivas: estatística, biológica e sócio histórica.

2.1 A PERSPECTIVA ESTATÍSTICA NA QUESTÃO SEXO/GÊNERO NO XADREZ

Observa-se que nos torneios de xadrez há uma desproporção entre os praticantes do sexo masculino e feminino, sendo o grupo masculino muito maior que o feminino. Os estudos Charness, Gerchak (1996); Chabris, Glickman (2006); Bilalić et al. (2009) relatam que os homens dominam as primeiras posições no *ranking* mundial do xadrez. Os três estudos acima demonstram que o número de mulheres nas competições de xadrez é muito menor do que o de homens. Bilalić et al. (2009), em um estudo realizado na

Alemanha, revelaram que a proporção de homens e mulheres em torneios é de 16 para 1. Chabris e Glickman (2006), demonstraram que apenas 1% de Grandes Mestres no xadrez eram mulheres, ou seja, em um universo de 894 Grandes Mestres, 9 eram mulheres. Entretanto, no Brasil o *ranking* é ainda menor, como pode ser verificado na lista de jogadores da Federação Internacional de Xadrez (FIDE), publicada em outubro de 2018, 14 brasileiros do sexo masculino são classificados como grandes mestres, enquanto nenhuma mulher brasileira foi classificada.

Bilalić et al. (2009) explicam que essa desproporção entre jogadores de xadrez do sexo masculino e do feminino poderia estar relacionada às questões inatas, questões relacionadas a socialização e a diferença de interesses entre os gêneros pelo esporte. Nesse sentido, outros estudos como os realizados por Charness, Gerchak (1996); Chabris, Glickman (2006); Bilalić et al. (2009) buscam demonstrar que a falta de mulheres no mais alto nível do xadrez relaciona-se a uma questão estatística. Os autores justificam que a diferença de desempenho nos campeonatos existente entre homens e mulheres está dentro do esperado da curva pela análise estatística, considerando que o universo de participantes do sexo masculino é maior do que do sexo feminino. Bilalić et al. (2009) afirma que quando comparados dois grupos com média e variabilidade similares, nota-se que o maior desempenho individual vem do grupo com maior número de integrantes. Desta forma, no xadrez, o grupo da categoria masculina é muito maior em número quando comparado ao grupo feminino. Portanto, é esperado que os jogadores com melhor desempenho sejam oriundos do grupo do sexo masculino. Então, quanto maior for a diferença em número de integrantes entre os grupos, maior será a diferença esperada entre os melhores nos grupos quando os mesmos são comparados, o que justifica o alto nível dos homens na classificação individual.

Outro fator tem sido apontado pelos pesquisadores para considerar a diferença de homens e mulheres no ranking mundial, a prática em partidas de torneios de xadrez. Blanch, Aluja, Cornadó (2015), analisaram seis torneios de xadrez entre 2010 e 2013 na Espanha e constataram que idade e prática

contribuem para a diferença de *ratings* entre as mulheres, mas não para os homens. Os autores verificaram que as mulheres jogam menos partidas do que os homens porque ingressam em menos torneios. Estudo de Howard (2014), corrobora com Blanch, Aluja, Cornadó (2015) a partir de uma análise de dados coletados entre 1985 e 1989. Foi analisado o padrão existente na carreira de jogadores que ingressaram no ambiente competitivo, e os resultados demonstraram que mulheres jogavam menos partidas valendo *rating* (uma média de 67,5 partidas por mulheres contra a média masculina de 104 partidas) além de desistirem mais facilmente do ambiente de torneios. (HOWARD, 2014). O número de partidas relacionado aos 100 melhores de cada categoria também foi analisado, então os resultados mostraram que as 100 melhores mulheres jogaram em média 302,5 partidas enquanto os 100 melhores homens jogaram 936,5 partidas. Dessa forma, é possível verificar que a prática em número de partidas em torneios de xadrez é um fator importante na classificação no alto nível do *rating* mundial, sendo um dos aspectos *para* a dominância masculina no *rating* mundial (HOWARD, 2014). Além disso, fatores como interesse, motivação, idade e prática também contribuem para a diferença de *performance* entre os sexos associado aos fatores implícitos como os aspectos biológicos e sociais.

2.2 O COMPONENTE BIOLÓGICO NA QUESTÃO DO SEXO/GÊNERO NO XADREZ

No final do século XIX, estudos área da psicologia cognitiva procuraram compreender o processamento mental, sendo os testes de inteligência um dos instrumentos, entre outros, usados para esse fim. A partir dos resultados desses testes, foi possível fazer vários tipos de análises como a relação entre o QI de brancos e negros, de americanos natos e afrodescendentes, a diferença de QI existente entre homens e mulheres, entre outros. Irwing e Lynn (2005), em seu artigo, citam alguns estudos como os de: Terman (1916), Sperman (1923), Cattell (1971), Brody (1992), Mackintosh (1996), Jense (1998), Halpern

(2000) e discordam de todos esses pesquisadores que não encontraram diferença significativa no coeficiente “g” de inteligência geral entre os sexos. Irwing e Lynn (2005) questionam esses estudiosos e afirmam que nestes estudos foram encontradas diferenças entre algumas habilidades medidas pelos subtestes e que somadas às descobertas neurocientíficas referentes à diferença de tamanho entre os encéfalos masculino e feminino deveriam ser vistas agora como significativas. Esta afirmação pôde ser feita a partir de uma meta-análise de 22 estudos realizados com universitários a qual teve o objetivo de estudar a média e a variabilidade das Matrizes Progressivas de Raven. Contudo, é importante atentar para a leitura e interpretação que esses dados permitem. Nota-se que, Irwing e Lynn (2005) chegam a conclusões diferentes dos estudos que serviram como base.

Nesse sentido, Medina-Vicent e Pallaréz-Domínguez (2017) chamam a atenção para o cuidado que se deve ter ao interpretar os resultados dos experimentos neurocientíficos para não cair em reducionismos e determinismo cerebral, extrapolando para o neurosexismo e neuromitos os quais reforçariam o estereótipo de gênero, agora com a validação da neurociência. Demonstram esse problema a partir de dois conceitos neurocientíficos: o *hardwiring paradigm* e o dimorfismo sexual cerebral. O *hardwiring paradigm* teoriza sobre a inalterabilidade das rotas neurais ligadas às características físicas e inatas. O dimorfismo sexual cerebral afirma que há diferenças fundamentais entre os cérebros de homens e mulheres e essas diferenças são caracterizadas pelas “diferenças nos níveis de testosterona fetal, a lateralização hemisférica cerebral e as diferenças no volume do corpo caloso”. (MEDINA-VICENT; PALLARÉZ-DOMÍNGUEZ, 2017).

Medina-Vicent; Pallarés-Domíngues, (2017) alertam que o mau uso desses dois conceitos pode levar a afirmações simplistas e neurosexistas sob o aval da neurociência ao predefinir e dicotomizar comportamento, atitudes, aptidões correspondentes a cada sexo. Acrescentam que o gênero não pode ser definido por um sistema fechado porque é algo que está em contínua reconstrução.

De fato, o dimorfismo sexual cerebral e “*hardwiring paradigm*” postulam que existe, sim, uma diferença entre os sexos, mas devem ser lidos apenas como dados estruturais das bases neurobiológicas e não devem ser estendidos para diferenças comportamentais, aptidões e habilidades cognitivas, pois isto seria uma visão simplista, determinista e reducionista da diferença entre sexos. Os estudos de Joel; Fausto-Sterling (2016) e Jordan-Young; Rumiati (2012) corroboram essa compreensão. Joel; Fausto-Sterling (2016) olham para diferença pelo prisma da heterogeneidade cerebral e enfatizam que essa diferença não deve ser polarizada entre cérebro masculino e feminino, uma vez que a constituição cerebral depende tanto de fatores genéticos quanto ambientais, compreendendo neste último todas as variações ambientais e culturais que podem influenciar e modificar uma predisposição genética. Assim, as autoras afirmam que o cérebro humano é na verdade um mosaico cerebral sendo constituído tanto por traços femininos quanto masculinos. Além disso, Joel e Fausto-Sterling (2016) alertam para o cuidado que os pesquisadores devem tomar ao incluir a categoria gênero nos estudos. Destacam que é impossível isolar em laboratório o Ser humano, assim, características genéticas sofrem influências sociais, temporais e culturais e deve-se evitar que os estudos tenham o mesmo número de sujeitos do sexo feminino e masculino e evite-se colocar o sexo como uma categoria variável

Nesse mesmo sentido, os estudos de Jordan-Young; Rumiati (2012) asseveram que a metáfora do *hardwiring paradigm* não é sustentável para a compreensão de desenvolvimento cerebral, servindo apenas para manter o paradigma da superioridade do cérebro masculino. Com efeito, os estudos sobre plasticidade cerebral são suficientes para desconstruir o neuromito criado a respeito da existência de um cérebro masculino e outro feminino. As autoras argumentam que a constituição cerebral não pode ser classificada entre masculino e feminino como se faz com os órgãos genitais, devendo ser desconsiderada essa analogia. Soma-se a isso o fato de não existir estudos experimentais que sustentem a aplicabilidade dessa teoria para a função, devendo ser restrito apenas para a diferença estrutural. Além disso, as autoras

destacam que há diferenças entre os sexos, mas deve-se ter cuidado para não atribuir unicamente à genética e apagar as questões sociais e culturais aí envolvidas.

2.3 OS COMPONENTES SOCIAIS E HISTÓRICOS NA QUESTÃO SEXO/GÊNERO

Foi a partir dos movimentos feministas da década de 60 que a questão do gênero começou a ser problematizada. Com efeito, o movimento feminista lançou luz sobre as desigualdades de direitos e chamou a atenção para as relações de poder que subjaz a questão do feminino em nossa sociedade. Segundo Silva (2007) a desigualdade entre homens e mulheres decorre da apropriação desproporcional feita pelo grupo dominante masculino dos recursos materiais e simbólicos da sociedade. Considerou-se que mulher, operário e negro compõe a minoria sobre o qual há uma relação de poder por parte de um grupo dominante (GUEDES, 1995). Chassot (2003) sustenta que nossa civilização é predominantemente masculina e demonstra isso ao direcionar o olhar para as ciências, artes, religião e para os prêmios Nobel. De fato, nessas áreas constata-se o viés masculino, cujas marcas podem ser descritas pela cisão entre sujeito e objeto, pela polarização e por uma ânsia por dominação e controle. Assim, Chassot (2003) em seu estudo expõe como a opressão das mulheres origina-se de uma construção histórica e social a qual cria uma identidade social como um ser inferior e subserviente ao homem. Nesse sentido, cabe a perspectiva sócio histórica desvelar os mecanismos que operam para essa construção cultural. Segundo Silva (2007) a cultura é o campo onde a sociedade se forma e são construídos os significados e a identidade cultural e social dos grupos estabelecendo a modos de comportamento das pessoas e dos grupos bem como o campo de luta pelo poder entre os diferentes grupos sociais.

É importante destacar que o ponto central dessa perspectiva se refere ao fato das interações sociais constituírem o mundo cultural e social e alerta para os processos de naturalização que negligenciam a origem sociocultural. Nessa mesma linha, torna-se evidente que o gênero também é uma construção social. Viana (2013) expõe os processos de pensar e de naturalizar a desigualdade existente entre os sexos. Antes de aprofundar na questão da naturalização da desigualdade entre homens e mulheres, é importante compreender o significado da palavra naturalizar.

Segundo Viana (2013), a expressão naturalizar significa representar uma realidade como natural ao invés de algo que é construído a partir de um processo social e histórico. Natural é a diferença física que existe entre homem e mulher. Contudo, naturalizar é caracterizar como natural uma construção que é social e histórica. Naturalizar a desigualdade entre os sexos é dizer que isso é assim desde os primórdios e que permanecerá assim. É claro que essa afirmação é um artifício que leva a uma falsa compreensão da realidade. A desigualdade social entre homens e mulheres não é natural, mas um produto sócio histórico. De fato, trata-se de uma desigualdade social que decorre de um processo histórico social de subjugar as mulheres. Portanto, isso expõe que há uma relação de domínio e opressão da mulher visando manter o interesse e o *status quo* de uma classe dominante. Com efeito, a desigualdade existente entre homens e mulheres não foi algo dado pela diferença física entre os sexos, mas trata-se de uma construção social e histórica de opressão e exploração que ocorre há séculos. Viana (2013) propõe que, para transformar a realidade é necessário um processo de desnaturalização que acontece a partir da negação teórica e prática. A negação teórica refere-se a uma crítica da realidade revelando as bases sociais e os interesses de um grupo dominante com o fim de atingir a compreensão de que essa desigualdade entre os sexos é um produto histórico e social. A negação prática acontece com a superação concreta e efetiva dessa realidade na qual as formas de opressão, dominação, o sexismo, deixam

de existir e é estabelecida uma nova forma de se relacionar com uma real transformação social e cultural.

Outro ponto para se olhar para a desigualdade entre os gêneros refere-se a valores e padrões patriarcais ocultos que são transmitidos pela mídia como formas de procurar moldar e transmitir o papel social da mulher desejado pelo grupo dominante masculino. Nesse tipo de leitura, são destacadas as crenças e atitudes entranhadas nas pessoas, nas instituições e no sistema educacional, bem como os estereótipos ligados ao gênero. Wilgosh (2001) apresenta em seu artigo as influências históricas e os mecanismos atuantes para a construção dessa diferença. Alerta principalmente para os efeitos negativos da mídia ao usar um mecanismo de passar dupla mensagem para as meninas/mulheres ao dizer para elas serem independentes, autossuficientes, terem iniciativa, mas ao mesmo tempo trazer imagens para serem boas mães, donas de casa e desejáveis pelos homens. Nesse estudo, a partir da análise de oito temas, mostra como essa dupla mensagem é passada de forma a assegurar que a hegemonia masculina seja mantida. Os temas investigados foram:

1- Imagem e estereótipo da mulher; 2- A diferença de gênero; 3- Violência contra/por mulheres; 4- Realizações notáveis feita por mulheres; 5- Mulher e trabalho; 6- Educação e conquistas das meninas; 7- Feminismo e afirmação; 8- mulher, gênero e saúde. (WILGOSH, 2001, p. 49)

A partir dessa documentação, a autora propõe que esses papéis só poderão ser mudados a partir da informação, pela tomada de consciência desses mecanismos, seguida da análise crítica dos estereótipos e da desigualdade existente entre os gêneros. Adverte para a necessidade de criar dentro do sistema educacional, ações para conscientizar os estudantes a respeito do estereótipo de gênero e sua força de atuação para reproduzir as desigualdades, bem como de propor formas de transformar, criar e construir ambientes mais igualitários em que estejam também presentes qualidades e experiências femininas.

Quanto ao estereótipo de gênero, no xadrez ele é bem descrito no estudo de Maass, D'Ettole, Cadinu (2008) o qual aponta as implicações do estereótipo no desempenho das mulheres. De fato, o xadrez permite o estudo do estereótipo de gênero porque é um esporte em que homens e mulheres se confrontam diretamente e o grupo de jogadores do sexo masculino é muito maior que o feminino, permitindo que a ativação do estereótipo em torneios ocasione a redução no processamento da memória de trabalho, da assertividade, diminuição da agressividade e da vontade de ganhar. Além disto, a consciência de fazer parte da minoria, por si só, acarreta um déficit de desempenho, da autoconfiança e do bem-estar (MASS, D'ETTOLE, CADINU, 2008).

Nesse estudo os autores desenvolveram uma pesquisa para investigar se ativação do estereótipo de gênero reduz o desempenho das mulheres no ambiente competitivo. Os dados apresentados comprovaram que as mulheres tinham um desempenho inferior quando sabiam que iriam jogar contra um homem. De fato, essa pesquisa evidenciou que as mulheres quando jogavam contra homens eram menos assertivas e agressivas do que quando não sabiam o sexo de seu oponente ou achavam que jogavam contra uma mulher. Igualmente, Gerdes e Gränsmark (2010) observaram que há uma mudança de estratégia de jogo quando o oponente é uma mulher, tanto em homens quanto em mulheres. Com efeito, um jogador quando sabe que seu oponente é uma mulher, adota-se um comportamento mais agressivo, em direção ao risco. De fato, nota-se que aqui há um direcionamento para um comportamento de buscar o ganho e não de evitar a perda.

Os argumentos expostos demonstram que a produção da desigualdade e iniquidades entre os gêneros são construções sócio históricas e deve-se tomar cuidado para não as naturalizar. Começa a ficar evidente que a dominância do sexo masculino no xadrez decorre das linhas de poder da sociedade, sendo o xadrez uma das formas de expressão de valores patriarcais como: a racionalidade, a lógica, o individualismo e a competição.

Para uma melhor compreensão desse aspecto, é importante trazer o contexto dos jogos para análise para se compreender como esses processos foram construídos ao longo da história para hoje haver um ambiente no qual a maioria dos enxadristas é do sexo masculino.

2.4 A QUESTÃO DO GÊNERO NO AMBIENTE ENXADRÍSTICO

Não se sabe ao certo o país que foi o berço no xadrez, mas sua origem está no Oriente. Segundo Balambal (2005), os jogos na Índia sempre foram praticados e eram populares entre todas as classes sociais, entre homens e mulheres, adultos e crianças. Expõe que as regras eram transmitidas oralmente de geração para geração e que traziam energia e cor para a existência humana. Conta que o jogo era o principal passatempo da nobreza indiana, e era praticado pelas mulheres, sendo elas consideradas exímias jogadoras, uma vez que deveriam ficar em casa e não podiam realizar trabalhos domésticos. Nesse mesmo sentido, Yalon (2004) descreve que o manuscrito de 1283 do rei Alfonso X de León e Castilha, demonstra que o xadrez fazia parte do universo feminino uma vez que as mulheres não podiam sair e deviam cuidar de seus lares. Desse modo, quando o xadrez chegou ao ocidente logo começou a fazer parte dos lares europeus. Nessa época, as rainhas ao lado do rei exerciam um papel de relevância social e interferiam em muitas tomadas de decisões. Nomes como Isabella de Castella, Elizabeth, Catherine de Medici e Anne da Áustria, eram mulheres que se destacavam no xadrez e nas decisões políticas de seus reinados (YALON, 2004). A relevância feminina na vida europeia desencadeou uma transformação da figura masculina do *al-firzan*, que se posicionava no centro ao lado do rei, para a figura feminina da dama no xadrez ocidental. Além disso, o movimento dessa peça foi ampliado, passando de apenas uma casa na diagonal da frente, para a peça mais poderosa movimentando-se para todas as direções. Pode-se dizer que a introdução da dama no xadrez, representou a força do poder feminino daquela época como também levou a um aumento na prática do jogo pelas

mulheres. Murray (1913) cita que o xadrez, na Idade Média, era ensinado para as crianças da nobreza e as mulheres eram tão boas jogadoras quanto os homens, estando ambos os sexos em igualdade no jogo dos reis. Ademais, romances dessa época retratavam o jogo real entre cavaleiros e damas sendo a partida de xadrez a única exceção para qual um homem era autorizado a visitar a mulher em seu quarto. Há relatos de partidas de xadrez no romance de Tristão e Isolda, ou das partidas de xadrez entre Lancelot e Guinevere (MURRAY, 1913).

No final do século XV, o xadrez estava em seu ápice e era considerado um espaço privilegiado para trocas intelectuais e afetivas entre casais, onde homem e mulher podiam confrontar-se em igualdade. Contudo, as sociedades europeias e seus valores foram modificando-se ao longo da história e o jogo que antes era praticado por ambos os sexos foi se transformando em uma atividade intelectual dominada pelos homens. Por volta do século XVII, durante o Renascimento, diminuiu expressivamente o número de histórias e pinturas de mulheres jogando xadrez quando comparadas com a Idade Média e o jogo deixou de ser valorizado no ambiente familiar e tornou-se indecorosa a prática do jogo por mulheres. Segundo Yalon (2004), à medida que o raio de ação da dama e do bispo foram aumentados, o xadrez perdeu o seu caráter romântico e passou a ser rápido e feroz. Com isso, deixou de ser um jogo social e adquiriu um caráter competitivo com o surgimento dos jogadores profissionais. Vale lembrar que nessa época as mulheres estavam constringidas ao ambiente doméstico e não era admitido que mulheres competissem publicamente com os homens. É importante assinalar que a sociedade renascentista se constrói em cima de uma cosmovisão masculina, colocando o homem no centro de todas as coisas, sendo ele a unidade básica de valor e referência de tudo. Nota-se aqui o surgimento de um homem detentor de privilégios com a valorização do individualismo, do domínio, do controle, da competição, da racionalidade. Nessa época, o xadrez deixa de ser jogado no ambiente familiar e passa a ser jogado nos cafés europeus e posteriormente nos clubes de xadrez, sendo este

um ambiente restrito para os homens até o início do século XX. (YALOM, 2004).

Depreende-se que a modificação de valores e costumes que iniciou no século XVII acarretou a diminuição da prática do jogo por mulheres e traz resquícios e consequências até hoje quando se compara o número de praticantes do sexo masculino e feminino. No século XX, com a criação da FIDE em 1924, algumas ações foram feitas com o objetivo de modificar esse cenário e resgatar a prática do xadrez pelas mulheres. Em 1927 a FIDE, realizou o primeiro Campeonato Mundial Feminino. Também a categoria feminina começou a aparecer nos torneios de xadrez com o objetivo de incentivar e aumentar a prática por mulheres. Outra ação da FIDE para incentivar a prática feminina foi a criação da titulação feminina – WIM e WGM, que são 200 pontos abaixo dos títulos GM e MI. Entretanto, essa diferenciação na titulação não é vista de forma positiva por algumas mulheres. Cathy Forbes e Irina Krush consideram essa diferença para a conquista da titulação feminina um eufemismo para dizer que a mulher é inferior ao homem (SHAHADE, 2005).

Fica evidente nesse trabalho a existência de um número muito maior de competidores do sexo masculino em torneios de xadrez e principalmente no xadrez de alto escalão. Contudo, nota-se que no ambiente escolar não se mantém essa desproporção. De fato, aulas de xadrez estão presentes em várias instituições de ensino, e podem ser ministradas na grade curricular, como atividade extracurricular ou somadas, grade curricular e aula extracurricular. Quando o xadrez ingressa no ambiente escolar, ele é ensinado a todos e o professor utiliza várias estratégias de ensino para despertar o interesse dos alunos sejam eles meninos ou meninas e não direciona a aula de xadrez para um dos gêneros. Assim, as atividades procuram desafiar a mente de ambos os sexos de forma igualitária. Também, os minitorneios que acontecem dentro da sala de aula e alguns torneios interescolares não fazem mais distinção entre categoria masculina e feminina e pode-se vislumbrar que é no xadrez escolar que desponta o início para uma mudança.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo procurou-se desvelar os processos de construção dos componentes biológicos, sociais e históricos de xadrez feminino. Torna-se claro que será a partir dos processos de desnaturalização teórica e prática que poderá iniciar um movimento para superação dessa diferença, sendo o primeiro passo a tomada de consciência dos estereótipos, dos estigmas e dos mecanismos existentes que sustentam valores e ações do grupo dominante, seguido por uma ruptura radical das categorias. Diante disso, acredita-se que só será possível o crescimento em número e em força do xadrez feminino se as mulheres tomarem consciência da importância de romperem com o sistema atual, ou seja, não aceitarem mais jogar numa categoria à parte – a categoria feminina. Ressalta-se que a problemática deste trabalho coloca em xeque a existência da categoria feminina nos torneios de xadrez, sendo sua criação um recurso utilizado para incentivar e aumentar a prática do xadrez feminino em uma determinada época, ou seja, uma questão de equidade para garantir o mínimo de oportunidade para mulheres participarem de torneios de xadrez no século passado. Porém, a sociedade é dinâmica e ações usadas no século passado devem ser reavaliadas e questionadas se continuam se aplicando para a sociedade atual. Disso depreende-se que a categoria feminina fez sentido no passado, mas será que hoje deve ser mantida? Por que há torneios que continuam a manter a categoria feminina se não mais existe a categoria masculina, mas absoluto em que homens e mulheres podem competir lado a lado? De fato, o absoluto é uma categoria mais democrática, não excludente, permitindo que homens e mulheres, a partir de suas diferenças encontrem suas semelhanças e desenvolvam-se, juntos, no conhecimento enxadrístico. Soma-se a isso que, para muitos jogadores, a aprendizagem do jogo inicia-se no ambiente escolar, onde não existe uma desproporção entre o número de meninos e meninas e onde começam a aumentar os torneios que não fazem a separação por sexo, apenas por idade ou ano escolar. Desse modo, no xadrez

escolar germina o ponto para a ruptura e construção de novas maneiras de agir com o objetivo de criar um ambiente enxadrístico mais igualitário.

Neste artigo explorou-se vários aspectos envolvidos na questão do gênero no ambiente do xadrez. Como foi visto, há um número muito maior de praticantes do sexo masculino e existem diferenças biológicas envolvidas na diferenciação entre os sexos. Entretanto, as diferenças morfológicas presentes nas bases neurobiológicas entre os sexos são estruturais e não devem ser estendidas para o funcionamento cerebral pois não trazem relevância e diferença cognitiva. Assim, o biológico não fundamenta a diferença existente entre os sexos no xadrez e a atenção deve recair para os fatores históricos e sociais, principalmente para os processos de desnaturalização.

Por fim, esse estudo suscita a necessidade de um pensar crítico e reflexivo por parte dos organizadores de torneios, professores, técnicos e jogadores, com o intuito de questionar se a separação da categoria feminina da absoluta condiz com o desenvolvimento de indivíduos em uma sociedade que almeja a igualdade entre os gêneros. É necessário, desacomodar ideias que são tidas como tácitas, para construir um novo olhar para a questão do gênero, a fim de proporcionar ambientes mais desafiadores e equitativos para homens e mulheres em nossa sociedade. Além disso, este estudo não pretende por um ponto final, nem responder e fechar essa questão, mas ao contrário, procura abrir um espaço para a reflexão e colocar em movimento posições que estavam estagnadas clamando para a necessidade de mais estudos nessa área.

REFERÊNCIAS

BALAMBAL, V. *Folk games of Tamilnadu*. Chennai, The C.P. Ramaswami Aiyar Foundation, 2005.

BILALIĆ, Merim et al. Why are (the best) women so good at chess? Participation rates and gender differences in intellectual domains. *Proceedings of The Royal B Society*, v. 276, n. 1659, pp. 1161-1165, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1098/rspb.2008.1576>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

- BILALIĆ, Merim; McLEOD, Peter; GOBET, Fernand. Does chess need intelligence? A study with young chess players. *Intelligence*, v. 35, n. 5, pp. 457-470, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.intell.2006.09.005>>. Acesso em 13 set. 2018.
- BINET, Alfred. *Psychologie des grands calculateurs et joueurs d'échec*. Paris, Hachette, 1894. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k771022/f1.image.texteImage>>. Acesso em 24 set. 2018.
- BLANCH, Angel; ALUJA, Anton; CORNADÓ, Maria-Pau. Sex differences in chess performance: Analyzing participation rates, age, and practice in chess tournaments. *Personality and Individual Differences* 86, pp. 117-121, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.06.004>>. Acesso em 18 out. 2018.
- CARDOSO-LEITE, Pedro; BAVELIER, Daphne. Video game play, attention, and learning: how to shape the development of attention and influence learning? *Current opinion in neurology*, v. 27, n. 2, pp. 185-191, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1097/WCO.000000000000077>>. Acesso em: 27 ago. 2018.
- CHABRIS, Christopher F.; GLICKMAN, Mark E. Sex differences in intellectual performance: Analysis of a large cohort of competitive chess players. *Psychological Science*, v. 17, n. 12, pp. 1040–1046, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2006.01828.x>>. Acesso em: 11 ago. 2018.
- CHARNESS, Neil., GERCHAK, Yigal. Participation rates and maximal performance: A log-linear explanation for group differences, such as Russian and male dominance in chess. *Psychological Science*, v. 7, n. 1, 46–51, 1996. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.1996.tb00665.x>>. Acesso em 10 ago. 2018.
- CHASSOT, Attico. *A ciência é masculina?: é sim, senhora!* São Leopoldo, Editora Unisinos, 2003. <http://www.cimm.ucr.ac.cr/ciaem/memorias/xii_ciaem/124_ciencia_masculina.pdf> Acesso em 29 set. 2018.
- CLEVELAND, Alfred A. The psychology of chess and of learning to play it. *The American Journal of Psychology*, v. 18, n. 3, pp. 269-308, 1907. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/1412592>>. Acesso em: 10 set. 2018.
- DE GROOT, Adriaan D. *Thought and choice in chess*. Cambridge: Mouton Publishers, 1965.
- ELO, Arpad E. *The rating of chessplayers. Past & present*. New York. FIDE, second edition, 1986.
- FILGUTH, Rubens. *Xadrez de A a Z: dicionário ilustrado*. Porto Alegre. Artmed, 2005.
- FIDE. Lista completa de jogadores, 2018. Disponível em <<https://ratings.fide.com/download.phtml>>. Acesso em 23 out. 2018.
- FRON, Janine. et al. The Hegemony of Play. *DiGRA Conference*, 2007.

GERDES, Christer.; GRÄNSMARK, Patrik. Strategic behavior across gender: A comparison of female and male expert chess players. *Labour Economics*, v. 17, n. 5, pp. 766-775, 2010. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1016/j.labeco.2010.04.013>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

GOBET, Fernand. A computer model of chess memory. *Proceedings of 15th Annual Meeting of the Cognitive Science Society*, Hillsdale, NJ: Erlbaum, pp. 463-438, 1993. Disponível em: <<http://bura.brunel.ac.uk/handle/2438/2129>>. Acesso em: 15 set. 2018.

GOBET, Fernand; CAMPITELLI, Guillermo. Intelligence and chess. In: RETSCHITZKI, Jean; HADDAD-ZUBEL, Rosita. *Step by Step: Proceedings of the 4th Colloquium Board Games in Academia*. Fribour: Editions Universitaires Fribourg Suisse, 2002. (pp. 103-112.)

GOBET, Fernand; JACKSON, Samuel. In search of templates. *Cognitive Systems Research*, v. 3, n. 1, pp. 35-44, 2002. Disponível em:

<[https://doi.org/10.1016/S1389-0417\(01\)00042-0](https://doi.org/10.1016/S1389-0417(01)00042-0)>. Acesso em: 11 set. 2018.

GOBET, Fernand; VOOGT, Alex; RETSCHITZKI, Jean. *Moves in Mind: The Psychology of Board Games*. Hove, Psychology Press, 2004.

GUEDES, M^a Eunice Figueiredo. Gênero, o que é isso?. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 4-11, 1995. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931995000100002>>. Acesso em 24 Set. 2018.

HOLLIDAY, Emma. B. et al. Equal Pay for Equal Work: Medicare Procedure Volume and Reimbursement for Male and Female Surgeons Performing Total Knee and Total Hip Arthroplasty. *JBJS*, v. 100, n. 4, pp. e21(1) – e21(4), 2018.

Disponível em: <<https://doi.org/HYPERLINK>

<<https://doi.org/10.2106/JBJS.17.00532>>. Acesso em: 01 set. 2018.

HOOPS, Heather E. et. al. Analysis of Gender-based Differences in Surgery Faculty Compensation, Promotion, and Retention: Establishing Equity. *Annals of surgery*, v. 268, n. 3, pp. 479-487, 2018. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1097/SLA.0000000000002920>>. Acesso em: 01 set. 2018.

HOWARD, Robert W. Gender differences in intellectual performance persist at the limits of individual capabilities. *Journal of biosocial science* 46, no. 3, pp. 386-404, 2014. Disponível em < <https://doi.org/10.1017/S0021932013000205>>. Acesso em 19 out. 2018.

IRWING, Paul; LYNN, Richard. Sex differences in means and variability on the progressive matrices in university students: a meta-analysis. *Br. J. Psychol.* 96, 505-524, 2005 <<https://doi.org/10.1348/000712605X53542>>. Acesso em 12 out. 2018.

JOEL, Daphna; FAUSTO-STERLING, Anne. Beyond sex differences: new approaches for thinking about variation in brain structure and function. *Phil. Trans. Soc. B*, 371:20150451, 2016. Disponível em

<<https://dx.doi.org/10.1098/rstb.2015.0451>>. Acesso em 13 out.2018.

JORDAN-YOUNG, Rebecca; RUMIATI, Raffaella I. Hardwired for Sexism? Approaches to Sex/Gender in Neuroscience. *Neuroethics*, n. 5, p. 305-315, 2012. Disponível em <<https://doi.org/HYPERLINK>

["https://doi.org/10.1007/s12142-011-9134-4"](https://doi.org/10.1007/s12142-011-9134-4)10.1007/s12142-011-9134-4>.

Acesso em: 13 out. 2018.

KASPAROV, Garry. Strategic intensity: a conversation with world chess champion Garry Kasparov. *Harvard business review*, v. 83, n. 4, pp. 49-53, 2005. Disponível em: <<https://europepmc.org/abstract/med/15807038>>. Acesso em: 07 set. 2018.

LORIES, Guy. The effect of context on the decision processes of chess players. *Cahiers de Psychologie Cognitive/Current Psychology of Cognition*, v. 7, n. 1, pp. 75-86, 1987. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/record/1988-31636-001>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

MAASS, Anne; D'ETTOLE, Claudio; CADINU, Mara. Checkmate? The role of gender stereotypes in the ultimate intellectual sport. *European Journal of Social Psychology*, v. 38, n. 2, pp. 231-245, 2008. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1002/ejsp.440>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

MEDINA-VICENT, Maria; PALLARÉZ-DOMÍNGUEZ, Daniel. Las huellas del Neurosexismo em la literatura popular del management dirigida a mujeres. *Política y Sociedad*, 54(3), pp. 687-709, 2017. Disponível em

<<https://dx.doi.org/10.5209/POSO.53074>>. Acesso em 13 out.2018.

MILLER, Virginia M. Why are sex and gender important to basic physiology and translational and individualized medicine?. *American Journal of Physiology-Heart and Circulatory Physiology*, v. 306 n.6, pp. H781-H788, 2014. Disponível em <<https://doi.org/10.1152/ajpheart.00994.2013>>. Acesso em 24 set. 2018.

MURRAY, Harold James Ruthven. *A History of Chess*. London: Oxford University Press, 1913. (PDF file). Disponível em <<https://archive.org/details/AHistoryOfChess/page/n9>>. Acesso em 03 out. 2018.

NICHOLSON, Linda. Interpreting gender. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 20, n. 1, pp. 79-105, 1994. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1086/494955>>. Acesso em: 12 set. 2018.

SILVA, Márcia Alves da. A incorporação da temática de gênero e diversidade na academia: por uma ecologia de saberes na universidade. *Educar em Revista*, v. 34 n. 70, pp. 293-307, 2018. Disponível em:

<<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/58317/35927>>. Acesso em: 19 set. 2018.

SAARILUOMA, Pertti. Error in chess: The apperception-restructuring view. *Psychological research*, v. 54, n. 1, pp. 17-26, 1992. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1007/BF01359219>>. Acesso em: 15 set. 2018.

SHAHADE, Jennifer. *Chess bitch: Women in the ultimate intellectual sport*. Siles Press, Kindle file, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

SIMON, Herbert; CHASE, William. Skill in chess. In: LEVY, David. (Ed.) *Computer chess compendium*. New York: Springer, 1988. (pp. 175-188.)

STERNBERG, Robert J. *Psicologia cognitiva*. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

VIANA, Nildo. *Naturalização e desnaturalização: o dilema da negação prático-crítica*. Espaço Livre, 8 n. 16, pp. 72-81, 2013. Disponível em:

< <http://redelp.net/revistas/index.php/rel/article/viewFile/51/46>> Acesso em 29 set. 2018.

WILGOSH, Lorraine. Enhancing gifts and talents of women and girls. *High Ability Studies* 12 (1) pp. 45-59, 2001. Disponível em: <

<https://doi.org/10.1080/13598130120058680>> Acesso em 21 out. 2018.

YALOM, Marilyn. *Birth of the chess queen*. Pandora, Kindle file, 2004.

Edição especial – Xadrex, Ciência & Tecnologia

Enviado em: 09 out. 2019

Aceito em: 20 fev. 2020

Editores responsáveis: Valério Brusamolin/ Mateus das Neves Gomes